

**VIOLAÇÃO DAS MÁXIMAS CONVERSACIONAIS: MANTENDO O
RACISMO ESTRUTURAL NO FILME *M-8 QUANDO A MORTE SOCORRE A
VIDA*, DE JEFERSON DE**

VIOLATION OF CONVERSATIONAL MAXIMS: MAINTAINING STRUCTURAL
RACISM IN THE FILM *M-8 QUANDO A MORTE SOCORRE A VIDA*, BY
JEFERSON DE

Clarice de Freitas Silva ¹

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Vicentina Maria Ramires Borba ²

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Resumo: Nos filmes cinematográficos, são utilizados mecanismos linguísticos que fazem referência ao contexto situacional, e são interpretados através da cooperação conversacional que os participantes assumem em uma conversação. Dessa forma, os roteiros fílmicos recorrem a conteúdos implícitos, que só são recuperados pelos interlocutores que fazem parte de uma mesma comunidade discursiva. Sendo assim, esse trabalho objetiva entender como a quebra das máximas conversacionais pode manter discursos fílmicos racistas, elegendo como *corpus* de análise o filme *M-8 Quando a morte socorre a vida* (DE, 2019). O racismo estrutural pode se dar por meio de diversas formas, sejam elas nas mais corriqueiras tarefas do cotidiano social a grandes corporações institucionais. Nisso, o referencial teórico se debruçará sobre pragmática e a teoria das implicaturas e máximas conversacionais (ESPINDOLA, 2010; PINTO, 2004), bem como pincelará pelo tema do racismo estrutural na sociedade brasileira (ALMEIDA, 2018). A hipótese deste trabalho é que a quebra das máximas conversacionais é um mecanismo utilizado para reproduzir discursos e estigmas normatizados sobre os povos negros na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Racismo Estrutural; Discriminação Racial; Pragmática; Máximas conversacionais; Implicaturas Conversacionais.

Abstract: In film movies, linguistic mechanisms are used that refer to the situational context, and are interpreted through the conversational cooperation that the participants assume in a conversation. In this way, film scripts resort to implicit contents, which are only recovered by the fact that the interlocutors are part of the same discourse community. Thus, this work aims to

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – PROGEL, da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE; Recife-PE. E-mail: clariceuf@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0053488231482673>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-7292-1090>.

² Professora Titular do Departamento de Letras e do Programa de Estudos da Linguagem da UFRPE. Doutorado em Linguística (UFPE); pós-doutorado em Linguística Aplicada (UECE/Sorbonne-Paris). E-mail: vicentinaramires@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4023907282886164>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0003-3837-4473>.

understand how the breakdown of conversational maxims can maintain racist filmic discourses, electing as corpus of analysis the film *M-8 Quando a morte socorre a vida* (DE, 2019). Structural racism can take place through various forms, from the most mundane tasks of everyday life to large institutional corporations. In this, the theoretical referential will dwell on pragmatics and the theory of implicatures and conversational maxims (ESPINDOLA, 2010; PINTO, 2004), as well as brush by the theme of structural racism in Brazilian society (ALMEIDA, 2018). The hypothesis of this paper is that the breakdown of conversational maxims is a mechanism used to reproduce normative discourses and stigmas about black people in Brazilian society.

Keywords: Structural Racism; Racial Discrimination; Pragmatics; Conversational Maxims; Conversational Implications.

Submetido em 25 de novembro de 2024.

Aprovado em 20 de janeiro de 2025.

Introdução

Os filmes representam de forma idealizada o contexto em que são produzidos, inspirados e reproduzidos para os cinemas. Cada personagem personifica um ser presente na sociedade de produção. Diante disso, “a teoria do cinema é o que Bakhtin chamaria de um ‘enunciado historicamente localizado’” (STAM, 2003). Isso ocorre porque, nos filmes, são utilizados mecanismos linguísticos que remetem ao contexto situacional e são interpretados por meio da cooperação conversacional assumida pelos participantes.

Dessa maneira, os roteiros cinematográficos recorrem a conteúdos implícitos, recuperados apenas por interlocutores que compartilham a mesma comunidade discursiva. Isso ocorre porque “há situações em que o contexto nos permite uma só leitura, mas, outras vezes, o contexto permite diferentes interpretações sem que uma se torne predominante” (ESPÍNDOLA, p. 27). Com isso em mente, este trabalho busca responder à seguinte questão: como a quebra das máximas conversacionais pode contribuir para a manutenção do racismo estrutural em discursos cinematográficos, tendo como corpus de análise o filme *M-8: Quando a Morte Socorre a Vida* (DE, 2019)?

As violações das máximas conversacionais são intencionais e, na maioria das vezes, pela predominância pragmática, são aceitas pelo princípio da cooperação. A quebra dessas máximas, ao incluir conteúdos implícitos, não compromete a compreensão, mas gera efeitos significativos nos interlocutores. Pretendemos explicitar esses efeitos durante a análise do corpus. Assim, este trabalho tem como objetivo entender como a quebra das máximas conversacionais pode sustentar ou reestruturar discursos racistas em narrativas

cinematográficas, elegendo como corpus o filme *M-8: Quando a Morte Socorre a Vida* (DE, 2019).

Este estudo será dividido da seguinte forma: introdução, na qual se apresenta o propósito da pesquisa e sua estruturação; referencial teórico, que abordará a pragmática, a teoria das implicaturas e máximas conversacionais (ESPÍNDOLA, 2010; PINTO, 2004), além de tratar do racismo estrutural na sociedade brasileira (ALMEIDA, 2018); análise, em que detalharemos como o discurso racista se manifesta linguisticamente no cinema; e conclusão, com reflexões a partir da análise realizada.

1. Pragmática

A pragmática, segundo Pinto (2004), pode ser compreendida como a ciência que estuda os usos linguísticos. Em outras palavras, investiga o motivo pelo qual determinadas estruturas são utilizadas (ou não) em um dado contexto, além de compreender por que muitas vezes entendemos mais do que é dito explicitamente. Assim, é possível inferir como “a linguagem pode dizer mais do que diz através da estrutura linguístico-discursiva” (ESPÍNDOLA, 2010, p. 11).

Esse enfoque levanta questões sobre o que é expresso explicitamente em um texto e o que é comunicado de forma implícita. A pragmática busca responder a esta última questão. Afinal, será que todo implícito pode ser compreendido em qualquer contexto? Antecipadamente, a resposta é não. Um implícito só é reconhecido em comunidades discursivas, ou seja, exige-se um compartilhamento socio-histórico-cultural para que a interpretação seja assertiva.

Dentro da pragmática, existem algumas vertentes, como os atos de fala, propostos por Austin (1962) e Searle (1969), que abordam as ações realizadas por meio dos enunciados, nos quais “se diz fazendo e se faz dizendo.” Outra abordagem relevante é o princípio da cooperação, juntamente com as implicaturas e máximas conversacionais, formuladas por Grice (1982) (ESPÍNDOLA, 2010). Nesta última, podemos dizer mais ou menos do que nos é solicitado, com maior ou menor relevância, sendo breves ou extensos, diretos ou indiretos. Cada uma dessas práticas será enquadrada em máximas e submáximas, que serão detalhadas nos tópicos a seguir.

Antes de avançarmos para o próximo tópico, é importante destacar que analisar um texto sob a ótica pragmática requer um olhar que vá além do que é explicitado linguisticamente. É essencial compreender que um enunciado não ocorre fora de um

contexto discursivo nem de forma isolada. Portanto, para uma compreensão plena do texto, é necessário considerar tanto os aspectos linguísticos quanto os pragmáticos, entendendo ambos como partes fundamentais da enunciação.

1.1. Explícito e Implícito

A conversação exige dos participantes um esforço cooperativo, possibilitado pela interação entre enunciadores, que complementam informações não expressas diretamente pelos elementos linguísticos. Em outras palavras, o ato comunicativo não deve se restringir às configurações verbais explícitas, mas também considerar os sentidos implícitos, que dependem da relação circunstancial entre os interlocutores. Assim, a linguagem no ato comunicativo desenvolve-se em valores explícitos e implícitos (CHARAUDEAU, 2014).

Nos textos acadêmicos, há a necessidade de ser o mais explícito possível, uma vez que os interlocutores podem pertencer a diferentes culturas e contextos temporais. Já na conversação, presume-se que os participantes compartilhem desses fatores. Nesses casos, a linguagem é mais fluida e menos explícita, permitindo que o que é dito apenas sugira ou insinue o que se deseja que o outro compreenda, sendo este entendimento alcançado por meio de inferências.

Para Espindola (2010), Grice (1982), embora não tenha utilizado o termo "implícito" em seus escritos, já destacava, por meio da lógica das regras que regem uma conversação, a importância de se atentar aos elementos implícitos linguísticos. Nessa perspectiva, entende-se que o que é dito de forma explícita não exige grande esforço dos participantes. No entanto, os sentidos comunicados nas entrelinhas ativam as regras conversacionais, contribuindo para uma interpretação mais rica do enunciado. “Dessa forma, podemos dizer que os atos de um enunciado ocorrem simultaneamente, são relativos ao contexto de fala e às pessoas que falam, e são interpretáveis com uma amplitude muitas vezes difícil de ser descrita nos limites de uma análise linguística” (PINTO, 2004, p. 59).

É fundamental, portanto, aprofundar a compreensão sobre a pragmática conversacional e suas regras. Com isso, será possível entender tanto o que é dito explicitamente quanto os mecanismos que permitem interpretar além do explícito, ou seja, os sentidos implícitos.

2. Pragmática conversacional: princípio cooperativo

Na pragmática conversacional, Grice (1967) argumenta que integrantes de uma conversa cooperam mutuamente para haver uma conversação, o que ele chama de Princípio Cooperativo. Nesse princípio elenca quatro categorias que são elas, segundo o autor, uma apropriação do que Kant denominou a priori de categoria da: Quantidade, Qualidade, Relação e Modo. Que seguem suas máximas e supermáximas, que são elas, segundo Grice (1967):

Quantidade: Faz referência a quantidade de informação requerida, seja para mais ou para menos.

- Faça sua contribuição tão informativa quanto for exigido (para os objetivos atuais da conversa);
- Não faça contribuições mais informativas do que é exigido.

Qualidade: “Tente fazer com que sua contribuição seja verdadeira”.

- Não diga o que você acredita ser falso;
- Não diga aquilo para o qual lhe faltam indícios adequados.

Relação: Seja relevante.

Modo: “Seja Claro”.

- Evite a obscuridade de expressão;
- Evite a ambiguidade;
- Seja breve (evite prolixidade desnecessária);
- Seja organizado.

É necessário frisar que esse princípio de cooperação não é previamente acordado pelos interlocutores, ele já faz parte da interação. Ou seja, que responderão apenas o que lhes é solicitado, que falarão a verdade, que suas informações serão relevantes e que falarão objetivamente.

Durante uma conversação uma ou mais dessas máximas conversacionais podem ser quebradas conscientemente, ou inconscientemente, mas, na maioria das vezes, a quebra de uma dessas máximas prioriza a efetivação da máxima da categoria da Qualidade: Não diga o que você acredita ser falso. A violação de uma ou mais dessas máximas

conversacionais não significa que o princípio da cooperação posto por Grice não seja efetivado.

2.1. Implicaturas

Segundo Grice (1967), como já mencionado, os participantes de uma comunicação cooperam mutuamente, o que torna a conversa efetiva. Isso ocorre porque os falantes partem do princípio de que o outro está contribuindo para o diálogo, com base nas categorias anteriormente expostas. No entanto, quando o que é dito não é suficiente para garantir a compreensão, o interlocutor presume que, considerando a cooperação do falante, há algo implícito além do que foi exposto explicitamente. É nesse contexto que as implicaturas entram em cena na dinâmica da conversação.

As implicaturas podem ser classificadas em convencionais e não convencionais, sendo estas últimas também conhecidas como implicaturas conversacionais. As implicaturas convencionais são aquelas em que os usos linguísticos das próprias palavras indicam possibilidades de interpretação implícita. Para ilustrar essa ideia, vejamos um exemplo de implicatura convencional:

[1] *Ele é um inglês; ele é, portanto, bravo.* (GRICE, 1967).

No exemplo [1], implica-se convencionalmente que ele é bravo porque é um inglês, e essa implicatura advém do que é dito linguisticamente. Nesse caso, é o termo *portanto* que implica a inferência, e não apenas o contexto de enunciação, tendo em vista que um dos usos linguísticos desse termo é a *consequência*.

Já para as não convencionais é necessário um esforço contextual dos interlocutores para compreender o que foi enunciado. Confirmamos o exemplo a seguir:

[2] A: *Estou sem gasolina.*

B: *Há um posto na esquina.* (GRICE, 1967).

Neste exemplo [2], diferentemente do anterior, não conseguimos fazer inferências apenas com os termos linguísticos apresentados. Além disso, a máxima da relevância parece ter sido quebrada. No entanto, ao observarmos o contexto, B implica que: (1) havendo um posto, ele poderia estar aberto; (2) o posto estando aberto, haveria gasolina;

(3) havendo gasolina, A poderia comprá-la; (4) e, finalmente, ao comprar a gasolina, A resolveria seu problema.

No exemplo mencionado, A reconhece que B está cooperando com a comunicação e não ignora a máxima da relevância. Assim, inferimos que B entende que, devido à situação comunicativa, A compreenderá o significado implícito ao mencionar o posto da esquina. Nesse caso, B comunica algo que vai além do que uma implicatura convencional poderia sugerir.

2.2. Quebra das Máximas Conversacionais

Na seção anterior, vimos que, nas implicaturas convencionais, muitas vezes é necessário violar uma ou mais máximas conversacionais para comunicar algo além do que é expressado linguisticamente, permitindo que o interlocutor compreenda a mensagem implícita. Agora, apresentaremos mais alguns exemplos que envolvem a violação das máximas conversacionais, antes de avançarmos para a análise do nosso corpus:

[3] Em uma determinada seleção para um concurso de beleza, que possui várias etapas — incluindo habilidades musicais e aparência —, o entrevistador precisa eliminar uma das candidatas na etapa de avaliação da aparência. O entrevistador diz à candidata A:

- Candidata A, acho que você seria mais adequada para um concurso de música.

No exemplo [3], o entrevistador não segue a máxima de qualidade, pois não apresenta o verdadeiro motivo da eliminação, nem a máxima de modo, já que sua resposta é obscura. Contudo, essas máximas são violadas com o objetivo de manter a polidez com a candidata, que não atende aos critérios de aparência exigidos pelo concurso. Nesse caso, o que não foi dito serve para amenizar o impacto da eliminação, sem comprometer a comunicação, já que a candidata reconhece sua desclassificação.

Quando um dos participantes de uma conversa quebra uma ou mais máximas conversacionais, presume-se que o outro será capaz de compreender o que não foi dito com base no contexto da interação. Essa quebra das máximas é intencional, sinalizando que o interlocutor não deve interpretar literalmente o enunciado, mas sim entender o

sentido implícito e a intenção por trás dele. Esse fenômeno também ocorre quando há violação da máxima da quantidade. Observemos o próximo exemplo:

[4] A: Maria, você pegou minha bolsa e o dinheiro que havia dentro?

B: Eu peguei sua bolsa.

No exemplo [4], B violou a máxima da quantidade, pois não forneceu todas as informações solicitadas. Isso nos leva a inferir que: (1) B pegou a bolsa de A, mas não pegou o dinheiro que estava dentro, ou (2) B está negando ter pegado o dinheiro. Além disso, podemos observar que, para não quebrar a máxima de qualidade, B opta por falar apenas o que acredita ser verdade e o que pode ser evidenciado, preferindo, assim, violar a máxima da quantidade.

Esses exemplos demonstram de forma categórica como as máximas conversacionais podem ser violadas intencionalmente. Eles ilustram que tais violações podem ser usadas com propósitos específicos no contexto da conversação, tornando-as aplicáveis em uma variedade de situações comunicativas.

3. Racismo Estrutural

O racismo estrutural pode manifestar-se de diversas formas, desde as tarefas mais corriqueiras do cotidiano social até grandes corporações institucionais. Independentemente da forma como ocorre, para Almeida (2018), o racismo é sempre estrutural e constitui a base da organização econômica e política da sociedade, perpetuando desigualdades e violências na contemporaneidade.

De acordo com Kilomba (2019), o racismo causa no indivíduo uma perda de identidade, retirada de forma violenta por aqueles que buscam subalternizá-lo. Essa forma de opressão é uma ferramenta que sustenta a suposta superioridade branca, impedindo a ascensão social da população negra. Sob essa perspectiva, Gonzalez (1982, p. 15) afirma: “Desde a época colonial aos dias de hoje, a gente saca a existência de uma evidente separação quanto ao espaço físico ocupado por dominantes e dominados.”

Nesse contexto, percebemos que o espaço físico e quem o ocupa são elementos mantidos pela reprodução do racismo estrutural, delimitando os espaços destinados à subalternização dos negros e os espaços de chefia destinados aos brancos. Sobre isso, Hasenbalg (1982) afirma:

as práticas discriminatórias, a tendência a evitar situações discriminatórias e a violência simbólica exercida contra o negro reforçam-se mutuamente de maneira a regular as aspirações do negro de acordo com o que o grupo racial dominante impõe e define como os “lugares apropriados” para as pessoas de cor (HASENBALG, 1982, p. 91).

Aqui, o autor reflete justamente sobre os espaços físicos que podem ou não ser ocupados pelos negros, seja fisicamente ou simbolicamente. Almeida (2018) aponta diferenças importantes entre as terminologias racismo, preconceito racial e discriminação racial, esclarecendo suas distinções. Para o autor, o racismo está pautado na ideia de superioridade racial, o que pode ocorrer de forma consciente ou inconsciente, resultando, conseqüentemente, em oportunidades sociais que são dadas ou retiradas com base na raça da pessoa.

Já o preconceito racial refere-se aos estereótipos atribuídos aos negros, como a ideia de selvageria e falta de inteligência. Por sua vez, a discriminação racial pode ocorrer de forma explícita, com a proibição direta de ocupar determinados espaços, ou de forma indireta, por meio de sutilezas e mecanismos linguísticos que promovem a discriminação, disfarçada sob o discurso de não intencionalidade.

Essas terminologias são essenciais para compreendermos que, muitas vezes, o racismo não se manifesta de forma explícita na sociedade brasileira. O que se observa no "racismo à brasileira", como é colocado por Munanga, é um racismo sutil, que se realiza "pela inferiorização do seu corpo antes de atingir a mente, o espírito, a história e a cultura" (MUNANGA, 2009, p. 17).

4. *Corpus*

O corpus de análise desta pesquisa é o filme *M-8 Quando a morte socorre a vida*, dirigido pelo cineasta Jeferson De, lançado no final de 2019 nos cinemas e na plataforma de streaming Netflix no início de 2020. A partir desse filme, serão selecionados diálogos nos quais se possa identificar, pelo menos, uma violação das máximas conversacionais. Nesse caso, será analisado se essa violação tem a intenção de manter o racismo estrutural nas cenas apresentadas.

Nessas cenas, o locutor espera que não apenas o interlocutor da cena compreenda o que não é explicitado, mas também que os telespectadores reconheçam referências a discursos socialmente normatizados sobre os povos negros.

Durante a análise, será descrito o contexto da cena antes do recorte, com o objetivo de elucidar a situação sociocomunicativa em questão. Vale ressaltar que, nos recortes selecionados, ocorrerá a violação de ao menos uma das máximas conversacionais do princípio da cooperação.

4.1. Análise do corpus: violação das máximas de Relação e Quantidade

⇒ CENA 1: No primeiro dia de aula o estudante Gustavo, jovem branco estudante de medicina, trata Maurício, o jovem negro também estudante de medicina, como funcionário da instituição, mesmo Maurício estando com jaleco e mochila que indicava ser também um estudante. No dia seguinte Gustavo o aborda e fala:

Quadro 1: Fala dos personagens (9min32s – 9min38s)

Gustavo: aí, Maurício, foi mal por ontem brother, eu nem...

Maurício: não, tá tranquilo, tudo certo.

(DE, 2020,

Fonte: DE, (2019)

Na cena 1, é possível observar a quebra da máxima da quantidade quando Gustavo não se desculpa diretamente por ter cometido um ato racista contra Maurício (conforme descrito na contextualização da cena), mas sim ao omitir sua fala. O fato de Gustavo utilizar a falta de informações necessárias para um pedido de desculpas pleno nos leva a inferir que: (1) ele não considera que sua atitude tenha sido errada; ou (2) acredita que sua fala anterior foi um caso isolado e que não houve a intenção de discriminar o colega.

Se considerarmos a implicatura (2) como verdadeira, estaríamos diante do chamado "racismo à brasileira", que se apoia na ideia de não intencionalidade, conforme descrito por Almeida (2018), para discriminar indiretamente pessoas negras. Essa forma de discriminação reforça o status quo do mito da democracia racial no Brasil, o qual defende que haveria “a ausência de preconceito e discriminação raciais e, portanto, a existência de iguais oportunidades econômicas e sociais para negros e brancos” (HASENBALG, 1982, p. 84).

No entanto, a realidade social e a cena em questão mostram claramente o oposto. O fato de o colega branco de turma presumir que Maurício, um estudante negro, fosse um

funcionário da instituição indica que, no imaginário social desse rapaz, o papel das pessoas negras naquele ambiente estaria restrito à servidão.

⇒ CENA 2: O personagem Maurício, inquieto pela história de um corpo negro que está sendo dissecado na aula de anatomia do curso, vai ao hospital, onde o arquivo do corpo indica que o corpo foi doado, com seu colega Domingos, um jovem branco, a procura de mais informações e vai até a recepcionista, mulher branca, solicitar as informações. Nesta cena há dois momentos, no primeiro a fala é entre a recepcionista e Maurício, na qual ocorre a quebra da máxima, no segundo é entre a recepcionista e Domingos.

Quadro 2: Fala dos personagens (31min27s – 31min43s e 31min59s – 32min12s)

Primeiro momento	Segundo momento
<p>Maurício: Oi, boa tarde, eu sou aluno de medicina, eu tô procurando os registros de entrada de um corpo que veio a óbito aqui, acho que na segunda semana de maio.</p> <p>Recepcionista: Faz o seguinte: volta quinta-feira que é o dia que o diretor aqui do necrotério dá plantão.</p>	<p>Domingos: Márcia, dona Márcia... então, como meu amigo tava dizendo aqui, a gente é estudante de medicina, será que não tem ninguém que possa nos dá essa informação? É muito importante pra gente.</p> <p>Recepcionista: Tá, me dá um minutinho que eu vou ver aqui o que eu posso fazer.</p>

Fonte: DE, (2019)

A cena 2, composta por dois momentos, retrata inicialmente a quebra da máxima da Relação. Essa quebra ocorre concomitantemente à violação da máxima da Quantidade, pois o que é dito pela recepcionista não corresponde à pergunta feita por Maurício. No que se refere à Relação, a recepcionista não estabelece conexão entre a resposta dada e a pergunta realizada. Isso nos leva a inferir que: (1) ela não tem autonomia para fornecer as informações solicitadas; (2) ela não acredita que Maurício seja um estudante de medicina; ou (3) ela se recusa a dar as informações a Maurício por ele ser um jovem negro.

Sabe-se que as implicaturas conversacionais podem ser negadas, e, por isso, com a análise do segundo momento da cena, será possível explorar como o racismo estrutural pode estar presente nesse contexto. O fato de a recepcionista, no segundo momento, pedir um tempo para buscar as informações solicitadas por Domingos anula a implicatura (1), já que ela demonstra ter autonomia para fornecer os dados requeridos.

Por outro lado, as implicaturas (2) e (3) não podem ser negadas com base no contexto apresentado, considerando que a recepcionista, mesmo sendo capaz de atender, opta por não fornecer as informações a Maurício. Isso ocorre apesar de ele, assim como Domingos, se identificar como estudante de medicina.

Nesse caso, é possível observar, de acordo com Almeida (2018), uma discriminação racial direta, caracterizada pela recusa em atender pessoas negras em espaços institucionais. Nesse exemplo específico, trata-se do hospital, um local onde esse tipo de discriminação manifesta-se de forma explícita.

⇒ CENA 3: Após sair de uma festa em um bairro de classe média alta o jovem Maurício é abordado por policiais que o agridem antes mesmo de fazer qualquer pergunta ao rapaz, a agressão é suspensa quando seus colegas, moradores do bairro, aparecem e intervêm pelo rapaz o que faz com que os policiais os deixem ir embora, mas, antes disso, um dos policiais, também negro, diz ao jovem Maurício:

Quadro 3: Fala dos personagens (46min55s – 47min24s)

Policial (negro): Toma aí, Maurício, seu celular. Pode pegar, rapaz. Tá com medo? A sua identidade também, ó. (fala baixo) **Porra, Maurício, tá dando mole, rapa, aqui oh (passa os dedos na mão mostrando sua cor preta) a essa hora em bairro de playboy, porra? Depois some aí, como é que vai ser? Hein? Se liga!** Vou te liberar porque gostei de você, tá? Fica com a cara boa, parece ser um moleque sangue bom. Vai lá! Boa noite, senhores (se digerindo aos outros), desculpa o transtorno.

Fonte: DE, (2019)

Na cena 3, é perceptível que o policial fornece mais informações do que o necessário ao liberar Maurício, quebrando a máxima da Quantidade, que recomenda não fazer contribuições mais informativas do que o exigido.

A fala do policial implica que: (1) por ser também um homem negro, ele alerta Maurício de que aquele espaço físico não deveria ser frequentado por pessoas da mesma cor de pele; (2) o racismo não é praticado exclusivamente por pessoas brancas, mas também pode ser reproduzido por pessoas negras.

Se analisarmos a implicatura (1), percebemos a sutileza de uma discriminação racial indireta que estabelece, tanto física quanto simbolicamente, os espaços e papéis sociais destinados às pessoas negras. Por outro lado, pela perspectiva da implicatura (2),

a fala do policial enfraquece a luta pelo pertencimento e pela resistência negra, ao sugerir que o racismo é também perpetuado por pessoas negras contra outras pessoas negras.

Sob a ótica de uma sociedade estruturalmente racista, podemos considerar, conforme defendido neste trabalho, que pessoas negras tendem a reproduzir o racismo de forma tanto inconsciente quanto consciente. Essa reprodução é reflexo de um sistema que naturaliza e perpetua a hierarquização racial, mesmo entre os próprios indivíduos oprimidos.

⇒ CENA 4: Maurício vai à casa de Suzana, colega do curso de Medicina que está tendo um romance, e conhece sua mãe. Após ver Maurício, a mãe de Suzana a segue até o quarto e, sobre o rapaz, fala:

Quadro 4: Fala dos personagens (1h – 1h00min45s)

Mãe de Suzana: tu tá tão descolada, né, Suzana? Minha filha, se você tem alguma curiosidade, não precisa ter vergonha. É NATURAL.

Suzana: Mãe... cê ouviu o que você acabou de falar? Cê não tem vergonha não? Mãe se eu tô com alguém por algum motivo, seja lá qual for, isso não é da sua conta, nem motivo de conversa entre a gente.

Mãe de Suzana: Filhota, eu sei que ele é diferente da sua turma aqui da Zona Sul. Eu diria até que BEM DIFERENTE. Agora, Suzana, pelo amor de deus, você não precisa...

Fonte: DE, (2019)

Podemos perceber no diálogo, cena 4, que a quebra da máxima conversacional da Quantidade se faz na quebra da premissa faça sua contribuição tão informativa quanto requerida para os objetivos da conversa. A quebra da máxima, nesse caso, é intencional. Na primeira fala da mãe de Suzana não diz o que a jovem poderia ter curiosidade, mas, se tratando de um homem negro, e de que a filha está se relacionando com ele, implica dizer que ela está sexualizando aquele corpo, ou seja, “no mundo conceitual branco, o sujeito negro é identificado como objeto “ruim”, incorporando os aspectos que a sociedade branca tem reprimido e transformando em tabu, isto é, agressividade e sexualidade [...] o excitante e também o sujo, mas desejável” (KILOMBA, 2019, p. 37 grifo da autora).

A mãe de Suzana diz mais do que verbaliza ao não dar todas as informações diretamente em sua segunda fala, implicando no seu (não) dizer: (1) ele é negro, portanto, não faz parte do mesmo grupo social; (2) você pode ter um romance com o jovem negro

para matar sua curiosidade, mas não precisa trazê-lo para nossa casa. Nesse caso, vemos que o jovem negro, no não dito da mãe de Suzana, além de ser sexualizado, tem negado a ele o papel social de namorado de uma jovem branca da Zona Sul.

Considerações Finais

Conclui-se, a partir da análise do corpus, que é feita a manutenção do racismo estrutural no filme, conforme as cenas analisadas. E a forma como é feita essa manutenção é pela quebra das máximas da Relação e da Quantidade, trazendo informações que fogem ao cerne discutido nas cenas e/ou dando mais ou menos informações durante o contexto comunicativo. É perceptível que a quebra dessas máximas manteve a máxima da Qualidade, não fornecendo informações que os personagens considerassem falsas ou que não pudessem ser comprovadas. Mesmo com a quebra das máximas conversacionais, as cenas mantiveram o princípio cooperativo, tendo em vista que seus interlocutores compreenderam e deram continuidade à conversação. Não só os interlocutores-personagens compreendem a situação comunicativa, como o objetivo de manutenção do racismo é efetivado, pois os telespectadores tendem a entender aquelas cenas como algo cotidiano que não merece reflexão. Assim sendo, é importante analisar as obras fílmicas com um viés pragmático para entender o dito e o não dito nas produções e, além disso, posicionar-se criticamente diante de mecanismos que infringem os direitos dos povos negros e seus papéis e espaços sociais, buscando contribuir para uma sociedade menos racista, que garanta direitos à população negra, assim como o direito de ser e de frequentar todos os espaços sociais.

Referências

ALMEIDA, Silvio. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. Contexto: São Paulo, 2014.

ESPÍNDOLA, L. C. PRAGMÁTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA. In: ALDRIGUE, Ana Cristina de Souza; LEITE, Jand Edson Rodrigues. (Org.). **Linguagens: usos e reflexões**. 01ed. JOÃO PESSOA: EDITORA DA UFPB, 2010, v. 06, p. 9-60.

GONZALEZ, Lélia. O movimento negro na última década. In: *Lugar de negro*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

GRICE, P. G. Lógica e conversação. Trad. Matheus Silva (2016). *Crítica: Filosofia da linguagem*, 1967. Disponível em: https://criticanarede.com/lds_conversas.html. Acesso em: 31 mai 2023.

HASENBALG, Carlos. Raça, classe e mobilidade. In: *Lugar de negro*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano* Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

PINTO, Joana. Pragmática. In: *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*, v. 2 / Fernanda Mussalim, Anna Christina Bentes (orgs.) - 4. ed. - São Paulo: Cortez, 2004.

STAM, Robert. *Introdução à teoria do cinema*. Trad. Fernando Mascarello. Campinas: Papirus, 2003.